

ISSN 3085-5624

Eixo Temático 5 - Tecnologias de Informação, Comunicação e Inovação

**O USO DOS SOFTWARES DE IDENTIFICAÇÃO DE SIMILARIDADE TEXTUAL NO CONTEXTO DA INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL E DO KITSCH:  
um estudo exploratório em vista à inovação tecnológica e científica**

**THE USE OF TEXTUAL SIMILARITY IDENTIFICATION SOFTWARE IN THE CONTEXT OF  
ARTIFICIAL INTELLIGENCE AND KITSCH:  
an exploratory study with a view to technological and scientific innovation**

**Sérgio Rodrigues de Santana** – Universidade Federal da Paraíba (UFPB) –  
*sergiokafe@hotmail.com* – Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-1286-0775>

**Maytê Luanna Dias de Melo** – Universidade Federal de Alagoas (UFAL) –  
*lumeloo@yahoo.com.br* – Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-7310-2572>

**Eliane Epifane Martins** – Instituto de Educação Estadual do Pará (IEEP) –  
*jadyeliane@gmail.com* – Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-7743-0004>

**Modalidade: Trabalho Completo**

**Resumo:** Os softwares de análise de similaridade textual são ferramentas de inovação e precisam de serem investigadas bases. Quais estratégias de atualização destes softwares quanto à inovação tecnológica e científica? Objetivou-se compreender a cultura da Inteligência artificial e do kitsch quanto aos softwares de detecção de similaridade textual. De inclinação qualitativa, adotou o método exploratório por meio da protocolos . A contribuição da cultura do IA e kitsch versa no refinamento do uso destes softwares no contexto científico. A inovação versa em inseri-las nos programas de investigação como entidades na modelagem senciente.

**Palavras-chave:** Inteligência Artificial; kitsch; inovação.

**Abstract:** *Textual similarity analysis software is an innovative tool that needs to be investigated on a fundamental basis. What are the strategies for updating these software in terms of technological and scientific innovation? The aim of this study was to understand the culture of artificial intelligence and kitsch in relation to textual similarity detection software. With a qualitative approach, the exploratory method was adopted using protocols. The contribution of the AI and kitsch culture is to refine the use of these software in the scientific context. Innovation is to insert them into research programs as entities in sentient modeling.*

**Keywords:** *Artificial Intelligence; kitsch; innovation.*

## 1 INTRODUÇÃO

A inovação é inerente ao sujeito humano e sempre foi decisivo para competitividade, pois, e versa nas formas de fazer. Ela é um processo constante nas organizações e nações, e

para Tohidi e Jabbari (2012) não pode ser vista como algo linear e estanque. Portanto, ela integra uma relação dissociável como muitos fatores, entre eles destacam-se a tecnologia, informação, conhecimento e saber. No contexto acadêmico essa lógica se aplica, em que os softwares de análise de similaridade textual emergem como inovação, e agrega estes fatores.

Os softwares detectores são programas que operam através de conjuntos de algoritmos que buscam e identificam similaridades textuais de um texto a partir de diversas bases de dados na ambiente *web*. Para Bornmann *et al.* (2008) a similaridade é analisada no campo da cientometria e da infometria por meio de palavras em bases de dados e com variáveis de recuperação e principalmente medir a relevância, por percentuais e números de palavras e frases idênticas ou com pequenas alterações (Damasio, 2012). De tal modo, a identificação de plágio, incongruências ou ruídos na similaridade deve se considerar de forma crucial através de algumas atitudes como bases estruturadas de informação, conhecimentos e saberes do pesquisador quanto ao Artificial (IA) e kitsch, para melhor compreender a similaridade, se ela é adequada e coerente dela quando se afirma que um texto é passivo de plágio, incongruências ou ruídos.

A IA é um ramo da computação para o desenvolvimento de sistemas conscientes<sup>1</sup> e sencientes<sup>2</sup> capazes de executar tarefas que normalmente requerem inteligência humana. Contudo, a IA se tornou uma cultura do fazer por meio do sites *ChatGPT* que teve atenção mediática por revolucionar o universo da IA (Dalte; Dalte, 2023) na área de fotos, vídeos e também textos. Por sua vez o kitsch é uma filosofia acrítica que abarca qualquer campo humano desde a religião a ciência afetando suas leis, e para Greenberg (1997) todo kitsch é acadêmico, assim o que é acadêmico é kitsch, sobretudo os textos produzidos nesta seara.

Diante destas colocações, quais as estratégias utilizadas no âmbito das atualizações destes softwares quanto à inovação tecnológica e científica? Objetivou-se, portanto, compreender a cultura da IA e do kitsch quanto aos softwares de detecção de similaridade

---

<sup>1</sup> É um tema construído que envolve a percepção, a cognição, a sensação e a introspecção que possibilita o sujeito de estar ciente de si (Silva; Ataíde Júnior, 2020).

<sup>2</sup> É capacidade dos sujeitos humanos e de alguns organismos mais simples de perceber e sentir dor e prazer no fluxo das emoções, sentimentos e afetações de forma consciente e impostar-se sobre os excedentes para o presente e o futuro, assim potencializando construídos como memória, aprendizagem, inteligência, linguagem, entre outros (Sasaki, 2007; Almada, 2019; Silva; Ataíde Júnior, 2020).

textual. A justificativa deste trabalho versa em compreender os ruídos como insumos para melhoria dos softwares de detecção de similaridade textual e das pesquisas acadêmicas quanto a efetivação mais eficiente e eficaz do plágio e outras incongruências.

## 2 METODOLOGIA

O trabalho se apresenta numa perspectiva qualitativa, pois se avaliou por meio de textos as relações complexas das teorias de usos softwares de identificação de similaridade textual. Em vista da compressão das teorias nunca investigadas como o foco a cultura AI e kitsch, adotou-se nesta pesquisa o método exploratório, como método piloto para realização deste estudo preliminar para definir um escopo temático para futuras pesquisas com metodologias mais amplas, e investigações mais abrangentes acerca dos usos de softwares de identificação de similaridade textual por possuidores interessados que buscam compreender o uso de forma adequada e coerente.

Deste modo, o método exploratório busca se aproximar de ideias (conceitos, temáticas e fenômenos) sem a formulação de hipóteses estabelecidas (Gil, 2019). Portanto, ele tem como finalidade desenvolver novas ideias quanto ao uso de softwares de identificação de similaridade textual que poderão ser testadas em estudos posteriores (Frainer, 2020) a esses usos em vista de melhorias técnicas dos programas a partir das condições humanas.

O método exploratório pode ser feito por meio de algumas técnicas e naturezas, e nesta pesquisa foi adotada a inclinação bibliográfica, em que o levantamento bibliográfico é feito em fontes primárias, secundárias e terciárias, deste modo, o *corpus* é constituído de teses, dissertações e comunicação científicas, e, a revisão destes conteúdos bibliográficos para identificar os padrões que compõem as teorias, teses e conhecimento sobre o tema.

Para Malhotra (2006) o método exploratório é flexível e versátil, o que permite aos pesquisadores explorá-lo por novos territórios para além de formulação de novas hipóteses e construtos científicos, assim permitindo, dependendo da pesquisa, estabelecer passos, que neste trabalho ocorreu através de quatro, são eles: a **localização de lacunas** - sejam elas, temáticas, técnicas, teóricas e, epistêmicas e/ou poliepistêmicas, ao qual nesta pesquisa se localizou a lacuna temática acerca dos softwares de identificação de similaridade textual

nunca investigadas como o foco a cultura AI e cultura kitsch; a **descrição das lacunas** – justificando elas e visualizando a importância delas serem investigadas; a **formulação de novas hipóteses** - acerca das lacunas temáticas, técnicas, teóricas e epistêmicas e/ou poliepistêmicas, essa apontada na e conclusão; a **reflexão e reavaliação** - apontada na e conclusão desta pesquisa, versa nos processos, técnicas e/ou estratégias e suas eficácias, e profundidade, e os resultados para melhorar futuras pesquisas, e se resultados obtidos podem-se identificar melhor ajustes para estudos futuros.

### 3 FILOSOFIA DA TECNOLOGIA

Ao discursar sobre os softwares para detecção de similaridade textual como tecnologia no contexto acadêmico, a Filosofia da Tecnologia vem à baila, pois, é um campo epistêmico que problematiza a natureza da tecnologia e seus efeitos na sociedade, cultura e no próprio ser humano.

Ela se preocupa tanto com questões teóricas e práticas sobre a criação, o desenvolvimento, o uso e as consequências das tecnologias através dos três pilares básicos: o que é uma tecnologia? Como os sujeitos utilizam a tecnologia? E como os sujeitos devem agir sobre os reflexos da tecnologia? (Cupani, 2016), que nesta pesquisa versa IA, como as IA devem ser usadas? A representação mental coletiva da tecnologia a esboçada como artefato eletrônico ou de engrenagens metálicas dos mais modernos aos mais obsoletos. O conceito de tecnologia elaborado por Ferreira (2001) figura a tecnologia como um conjunto de saberes, principalmente de princípios científicos, que se aplica a uma determinada atividade. Todavia, para além da representação senso comum e a imagem delineada por Ferreira (2001) a tecnologia pode ser avaliada como um simples artefato criado pelo sujeito nos primórdios de sua história, segundo Leakey e Lewin (1982).

[...] um ser humano primitivo pegou um seixo, e com alguns golpes habilidosos transformou-o num implemento<sup>3</sup>. O que antes fora um acidente da Natureza, era agora uma peça de deliberada tecnologia a ser usada na modelagem de um galho para desenterrar raízes ou para retalhar a carne de um animal morto (Leakey; Lewin, 1982. p. 08).

O discurso de Leakey e Lewin (1982) é ilustrativo e possibilita construir um conceito epistêmica acerca da tecnologia, que transcende a noção de eletrônico no conceito flutuante

do senso comum e da noção de ‘conhecimento’ como aborda um dicionário. Assim, respondendo o questionamento “O que é tecnologia?” Ela é qualquer artefato criado a partir de um conjunto de saberes científicos como também saberes do senso comum. Quanto à segunda: “Como os sujeitos utilizam a tecnologia?”, sua essência se baseia na filosofia que elas são usadas para resolução de problemas das atividades cotidianas humanas, contudo, a tecnologia é também utilizada para dificultar a existência humana, quando há uso perverso, como, por exemplo, o advento da pólvora e do canhão que deu origem a arma de fogo no século XIV. Neste sentido, a tecnologia vai além dos artefatos citados e da noção que parece prosaica acerca de seixo e arma de fogo, em que as formas dos usos devem ser consideradas, especialmente, usando representado como artefatos mágicos, que resolve qualquer problema.

Quanto ao eixo ‘E como os sujeitos devem agir sobre os reflexos da tecnologia? Deve-se considerar que espécie humana não é a única que cria e utiliza artefatos tecnológicos, algumas espécies de primatas, mamíferos e aves também criam e utilizam utensílios tecnológicos. Contudo, a diferença básica entre sujeitos humanos e organismos mais simples a construção e utilização de artefatos tecnológicos, e que esses processos e a própria tecnologia em si, são fatores que refletem na mente e no corpo humano (Cosentino, 2006), como, por exemplo, o pássaro joão-de-barro nunca reflete sobre sua casa, os sujeitos humanos fazem reflexões sobre as dimensões cores, formas, localidades, acomodações no fluxo de melhorias e outras questões. Assim, os sujeitos devem agir diante delas, especialmente da AI, de forma de crítica, ética e com responsabilidade, avaliando os impactos positivos e negativos quanto à transparência do uso, regulamentação, educação, capacitação, inclusão e melhorias delas.

### 3 INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL: ALGORITMOS CONSCIENTES E SENCIENTES

O uso das TICs IA é realidade, elas são classificada em três tipos e reflete todos os setores culturais de todas as formas, em que em um viés contraproducente, uma das problemáticas foi a incidência de *fake news*, especialmente, com os softwares generativos<sup>3</sup>

---

<sup>3</sup> São ferramentas IA para criar novos conteúdos, como texto, imagens, música, áudio e vídeos (Stryker; Scapicchio, 2024).

(Stryker; Scapicchio, 2024), criando factoides e distorcendo informações verídicas de texto, imagens, música, áudio e vídeos autênticos.

No campo científico, percebe-se a presença de TICs IA, especialmente, nos softwares detectores nesse campo tanto de forma positiva quanto negativa, com uso na resolução do plágio da escrita científica. Assim, o grande desafio é encontrar a equalização de seus usos, portanto, essa problemática se insere na máxima: como os sujeitos utilizam a tecnologia?

A IA estreita (*narrow*) ou geral, versa naquela que é consciente, mas para Barrio Andrés (2022, p. 19): “es la actualmente disponible, tiene la capacidad de resolver problemas específicos, normalmente mejor que los humanos [...] el objetivo de estos sistemas de IA débil es resolver problemas delimitados.” A IA estreita está com sucesso até o momento, orientada para objetivos, projetada para realizar tarefas específicas limitadas, como reconhecimento facial, fala e voz, pesquisar na *web*. Assim, estas TICs AI podem parecer inteligentes, pois operam através de um conjunto pequeno de restrições e limitações, assim não imita ou replica a inteligência humana, apenas simula o comportamento humano com base em uma estreita gama de parâmetros e contextos. A IA estreita vem do uso de processamento de linguagem natural (PNL) para executar tarefas. A PNL é evidente em *chatbots* e tecnologias semelhantes de IA. Ao compreender a fala e o texto em linguagem natural, a IA é programada para interagir com os humanos de maneira natural e personalizada.

A AI geral (*weak*), versa naquela com um grau de consciência, pois, as capacidades das máquinas não se distinguem da mente humana no sentido que os sistemas que possuem a capacidade de entender e executar qualquer tarefa intelectual humana. Para Barrio Andrés (, 2022, p. 19) AI forte poder se “[...] define como la capacidad de razonar, representar el conocimiento, planificar, aprender, comunicarse en lenguaje natural e integrar todas esas habilidades hacia un objetivo común.” Assim, AI geral (*weak*) se assemelha como uma criança que passa um processo natural cognitivo, a máquina vai descobrindo através de input e experiências, e assim progredindo e aprimorando suas habilidades ao longo do tempo (IBM, 2024). Por isso, estes sistemas seriam capazes de aprender, raciocinar, e resolver problemas complexos em diferentes domínios, de maneira similar a um ser humano. Porém, a IA geral permanece um objetivo de pesquisa e desenvolvimento

intensivo, e não há sistemas completamente autônomos e capazes de realizar todas as funções cognitivas humanas.

Por sua vez, a IA Superinteligência fica no campo de um conceito teórico frente a um fator mais complexo que nos distingue das coisas e de alguns organismos biológicos mais simples, a *senciência*. Neste sentido, a IA superinteligente seria capaz de superar os melhores cérebros humanos em todas as áreas cognitivas e criativas. A máquina teria que levar a aprendizagem experiencial para o próximo nível, a *senciência*, para melhorar a eficiência de aplicar a inteligência, o conhecimento e a aprendizagem para resolver problemas complexos. Contudo, abordar as capacidades cognitivas, consciência e *senciência*, se trata dos aprofundamentos das teorias da mente, em que a sensação, percepção, dor, prazer e maturação como construtos imperativos que abrangem a funcionalidade do cérebro humano que nos tornam modelados *sencientemente*.

Ao se pensar em modelagem *senciente*, a proposta para um novo paradigma em IA, ela versa em criar programas que especializarão em áreas diferentes, os aspectos funcionais que os distinguem como entidades. Contudo, as teorias da mente dão importância a maturação no tempo, Ou seja, a *senciência* se baseia na hipótese que a inteligência humana é um resultado colateral e adicional das características físicas e histórico evolucionárias. E isso se aplica ao fato de que quando agimos sem pensar, essa é uma ação algorítmica, o que chamamos de automatismo, pois as coordenadas existem, mas quando sabemos por que agimos e todo seu potencial de extensão no ambiente e tudo nele, no tempo e espaço, essas ações são *sencientes*.

Assim, em tese o que falta nos algoritmos não são as coordenadas de programas que especializarão em áreas diferentes, é preciso que eles se organizem sozinhos no ambiente, no tempo e no espaço, ainda que equivocadamente como a mente humana faz, pois, o erro é um mecanismo de aprendizagem e de reelaboração. A *senciente* é um ação que é definida como um ato intencional, tomado por uma entidade reconhecível, e com propósitos específicos para o ambiente sensorialmente detectado, segundo, Sasaki (2007). Levando em consideração esta perspectiva, pensar na IA superinteligente e *senciência* é o mesmo que pensar no impacto disruptivo na sociedade, pois uma ação *senciente*, é mais que a consciente e tem exedentes positivos e negativos.

#### 4 KITSCH: FRAGMENTAÇÃO E TOTALIDADE ACEITÁVEIS

Inicialmente, a partir de entre 1888 e 1930, o kitsch foi uma reposta dos sujeitos desvalidos, e com esforços de se assemelhar ao sujeito das classes elitistas. Porém, atualmente, é bem verdade que esta resposta tenha tomado conta de todos os corpos mentalidades, assim ele escolhe sujeito, pois ele é uma característica do mundo pós-moderno, ao mesmo tempo que ele é fenômeno pós-moderno, e a cultura digital possibilitou ainda mais sua difusão (Melo; Santana; Souza, 2021; Moles, 1975; Sêga, 2008). Moles, 1975).

A cultura Kitsch que se aplica a qualquer fenômeno e/ou objeto até mesmo o homem, como Milan Kundera não se propôs a fazer um tratado filosófico sobre a metafísica do homem-kitsch, o próprio assim criou um termo e conceito *Kitschmensch*. “A necessidade kitsch do homem-kitsch (*Kitschmensch*): é a necessidade de se olhar no espelho da mentira embelezante e ali se reconhecer com comovida satisfação” (Kundera, 2016, p. 135), assim interseccionado por acessórios, cores e formas que ajudam compor sua identidade estética. Do mesmo modo, kitsch desafia todas as leis de qualquer campo humano, como qualquer teoria que se debruce sobre um objeto e/ou artefato tecnológico e artesanal, assim as rompendo percepções, sentidos e dos significados da cultura material e imaterial extremamente estrelecidos. Para Abraham Moles (1975), a funcionalidade kitsch se aplica como mediadora das relações humanas individuais e sociais, enquanto na perspectiva de Baudrillard (2008) ela tem valor de consumo e durável. O kitsch perpassa nesta lógica mental, pois, não conseguimos esquecer que ele faz parte das nossas práticas sociais, desafia o status de signo, pois, o objeto/fenômeno kitsch para um sujeito depende do significado e do significante no fluxo do processo semiótico, seja de Ferdinand Saussure, como de Charles Peirce (Silveira, 2022). Assim, e o kitsch é tangível e também intangível, pois, se incide sobre o material e não material; emoção, sentimento e afetação, pois, o desejo, dor, gozo, alívio acorrem frente ao objeto inacessível, mas, substituído pelo objeto simulado e/ou falso.

No contexto acadêmico ele ocorre a partir de duas de suas seis estruturas na tangibilidade imperceptível dos textos acadêmicos, ou seja, em que os cientistas se quer desconfiam da base kitsch na ciência. Assim, as bases estruturais incluem, o romantismo, a

simulação, a exacerbação, espacialidade, ressignificação, heterogeneização e a sedimentação, em que as duas últimas se aplicam aos textos acadêmicos, em que fragmentação e totalidade tendem a se regular, ainda que de forma de bricolagem, descontextualizado ou equalização. Para Benjamin (1986, p. 187), “cada fragmento do todo sobe para uma nova vida, quando ele assume o significado na interpretação alegórica”., ao eu core como um texto acadêmico. Para Wajnman (2019) discute a dimensão caótica/heterogeneização e a sedimentação como dois processos distintos no sentido dos objetivos, mas eles apresentam fragmentação e totalidade.

A dimensão caótica ou heterogeneização do kitsch se refere ao empilhamento de objetos diversos sem um sentido claro de classificação ou seleção, assim, esse processo resulta em uma coleção de objetos/fenômenos ainda que se apresente de formas variadas e amontoados desorganizadamente. Por outro lado, a sedimentação é descrita como um desenvolvimento lento que se concentra mais no ato de empilhar em si, em vez de seguir um projeto que visa atribuir significado ou um objetivo específico ao conjunto.

## 5 ANÁLISES E DISCUSSÕES

Os relatórios de softwares de identificação de similaridade textual fornecem resumos, e é na interpretação destes que a cultura da AI e o cultura kitsch devem ser consideradas de forma imperativa para além do quantitativo.

Quadro 1 – AI e subjetividade - kitsch e objetividade.

Ferramentas	Cultura	Natureza		Estratégia
softwares generativos	IA	TICs Criando e fazendo	TICs analisando TICs	Perfeição Superficialidade Padrões linguísticos Ausência de erros Estrangeirismos
softwares detectoress				
Softwares humanizadores				
Percepção	kitsch	Sujeitos analisando sujeitos	TICs analisandosujeitos	Fragmentação <i>Ipsis</i> <i>litteris</i> /citações Paráfrases Referências bibliográficas

Fonte: Dados da pesquisa (2024).

Como demonstra o Quadro 1, a cultura AI se refere, entre outras, atentar para perfeição textual, embora, seja natural a busca de um texto bem escrito, porém, a perfeição

deve ser considerado como problemática em alguma medida. Na superficialidade; ainda que apresente ‘perfeição suspeita’, os softwares generativos produzem superficialidades, uma suspeita que os softwares de identificação de similaridade textual não alcançam. Nos padrões linguísticos, os softwares generativos são orientados para fornecer respostas claras, e adequadas ao contexto do texto, e se isso ocorre ao longo de todo trabalho, assim desperta-se também desconfianças.

A ausência de erros gramaticais é também reveladora, os softwares generativos são treinados para minimizar erros gramaticais em suas respostas, discurso e frases de um texto, e ao longo de todo texto do trabalho se figura suspeito. Porém, é importante levar em consideração que sendo, em sua grande maioria, softwares estrangeiros, as palavras aportuguesadas, também conhecidas como estrangeirismos, podem passar despercebidas e/ou consideradas como palavras corretas no âmbito da escrita, o que muitas vezes pode não sê-lo.

Assim sendo, a partir destas suspeitas de redução de humanidade do texto, a subjetividade está minimizada e/ou nula, uma das estratégias é a verificação da humanidade e subjetividade presentes minimamente no texto, entre o caos e as tentativas de organização sintática, sintética e de coerência do autor. É imperativo deixar claro, que um texto truncado<sup>4</sup> não tem mais valor que um texto em escrito, mas, frente a uma análise softwares de identificação de similaridade textual, humanidade e subjetividade são indícios de originalidade.

Diferente de um olhar para um texto na aplicação de software de identificação de similaridade textual em vista a AI, buscar a subjetividade é o foco e estratégico, mas, no âmbito da cultura kitsch se faz o inverso, pois ele versa no olhar objetivo. Na cultura kitsch, essa objetividade que é técnica ocorre através da fragmentação promovida pelo *ipsis litteris*, da paráfrase e referências bibliográficas, conforme a Tabela 1, que são oficialmente permitidos em certa mediada, respeitando as normas de trabalho científico a exemplo da ABNT, Vancouver e APA, como também as intelectualidades dos teóricos, estudiosos, epistemólogos e os técnicos de normalização e formatação textual. Mas estes pontos técnicos constituem a prova de que o fenômeno kitsch através da natureza de

---

<sup>4</sup> Mutilado, incompleto, confuso e desconexo.

heterogeneização e a sedimentação através da ‘fragmentação e totalidade’ atravessa a ciência.

Na cultura da IA, se visualiza as TICs criando conteúdos, mas, se ver as TICs analisando as TICs através de seus respectivos fazeres e resultados e os melhorando. Esse fato ocorre, pois, na cultura da IA existem softwares generativos para gerar textos e outros conteúdos, como há também os softwares detectores de conteúdos produzidos, como também os programas para humanizar o conteúdo produzidos softwares generativos. Os softwares humanizadores têm objetivo remover os índicos dos softwares generativos e garantir que os conteúdos para que eles não sejam reconhecidos por ferramentas detectoras.

No contexto ocorre isso, um fato tanto curioso que se perecem há colisão de forças entre máquinas em que os pesquisadores são apenas expectadores da confiança nelas. Nesta seara há uma dimensão objetiva operando pelas TICs, especialmente, no caso de uso de tecnologia epistêmica como ~~uso~~ utilização de mecanismos de análise de similaridade textual. Primeiro ponto versa na premissa que softwares detectores não acusam plágio, dependem de uma análise humana, segundo Krokosz (2022), através de convenções adotadas em níveis de classificação da gravidade de ocorrência do plágio, que ocorre por cinco níveis:

Nível 1 - pode acontecer falha na identificação das fontes de algumas pequenas partes de texto reproduzidas; no Nível 2 - pode ocorrer no uso de paráfrases mal elaboradas e sem atribuição correta das fontes utilizadas; Nível 3 - tem potencial de acontecer através transcrição literal, o *ipsis litteris* e/ou citação direta de textos de outra fonte corresponde a cerca de 20% do texto que está sendo redigido, e Krokosz (2022) esse ato pode ser considerada uma violação moderada; Nível 4 - Pode advir de uma violação significativa, quando ocorrer uma reprodução essencialmente *ipis literei* textual indevida correspondendo a 20% e 50% do trabalho feito; Nível 5 – se figura o caso mais extremo, assim caracteriza uma violação severa, quando a *ipsis litteris* forma mais de 50% do texto ou, até mesmo, integralmente, foi reproduzido de uma fonte previamente publicada. Os pontos nível 1, nível 2 e nível 3, retratam a cultura kitsch, essencialmente, na pesquisa científica, assim, quando se visualiza ‘TICs analisando TICs’ a premissa ‘Sujeitos analisando Sujeitos’ devem entrar em

cena como condição básica e subjetiva do pesquisador. Da importância à cultura da kitsch, se visualiza os sujeitos analisando outros sujeitos, nesta a intersubjetividade impera, é algo exclusivo do pesquisador, somente ele pode compreender e fazer uma ação subjetiva, se ele tiver tempo, disponibilidade, vontade e conhecimento para tal. Mas, um software detector pode não compreender a intersubjetividade, ~~essa~~ expressada essencialmente na forma kitsch, que pode o configurar como problemático à primeira vista dos relatórios e similaridade.

Nesta perspectiva, o kitsch versa no sentido básico de ideia junção, que pode ser compreendido tanto por um software detector como pelo pesquisador como uma cópia e plágio (sem autoria). Assim, por natureza a fragmentação/junção vulgar ou equalizadas de unidades, o *ipsis litteris*/citações diretas, as paráfrases e as referências bibliográficas são as provas básicas de um texto construído com uma subjetividade delimitada por questões técnicas. Na ciência o kitsch é como a influência natural do pesquisador sobre o objeto científico, ela estará lá, porém é coerente minimizar suas influências na mediada do possível, em conjunto como os pares e avaliadores. O kitsch técnico tem um papel fundamental, mas, se suas influências não forem minimizadas torna-se um problema. Kaeser (2013) fez um diagnóstico da ciência e afirma que o kitsch científico está prosperando em uma atmosfera que ele chama de ciência pop. Para ele, a ciência pop e a ciência popular não são idênticas, embora a primeira pode ser vista como a continuação contemporânea deste último. Na ciência popular se pode facilmente encontrar a educação, edificação e entretenimento. A ciência pop é uma mistura de educação pública e cultura popular encontrada em vídeos, artes e música. Minimizar o kitsch, mas o compreendendo que ele é estrutural é imperativo, pois ciência expõe, descobre, diz a verdade; enquanto o kitsch esconde, cobre e mente (Kaeser, 2013).

De forma subjetiva, no fazer da validação dos pares quanto a cópia vulgar e plágio, e olhar para um 'texto cobertor de retalho' na forma kitsch ainda que agregado sem conexão, reflexão, e com erros ortográficos é um texto genuíno, pois é produto direto da inteligência humana, se o paricristas não entendem essas condições os softwares, muito menos. O uso dos softwares requer uma inclinação subjetiva do pesquisador em alguma mediada, pois os algoritmos dos programas não detectam a lógica da cultura estruturante kitsch da ciência, e

assim em uma análise objetiva feita por qualquer softwares de identificação de similaridade textual, o texto pode apresentar maior ou menor grau de força kitsch, como incidência sobre a introdução, com mais ênfase na teoria, pois a originalidade no sentido do inédito de um texto científico tem mais centralidade nos resultados e conclusões em que são os achados, assim, o resultado da análise objetiva nunca alcançará 100 por cento de originalidade.

Ao fazer aproximações entre os softwares de identificação de similaridade textual, kitsch e AI, especialmente com o kitsch, versa no sentido da interdisciplinaridade na Ciência da informação que potencializa ainda mais a natureza kitsch, em que o pensamento de Clement Greenberg fica muito demarcado, pois essa área acolhe outras áreas, logo, em teses seus textos tem um similaridade kitsch alargada. Para Santana, Melo e Souza (2021) uma vez que Ciência da informação assume o viés interdisciplinar os cuidados com inclinação kitsch e análise softwares de identificação de similaridade textual de sua produção científica requerem vigilância científica recorrente, distrações dos autores podem ser injustas nas avaliações. E ao focar o acesso e uso dos softwares de identificação de similaridade textual, vigilância científica deve ser dobrada por parecerias, avaliadores e pares acadêmicos na prática. Assim, o kitsch é um fator positivo pois quando usado confere a humanidade na ciência, mas pode ser negativo, quando não há a senciência epistêmica, sobretudo, do acesso e uso dos softwares de identificação de similaridade textual.

## 6 CONSIDERAÇÕES

A reflexão e reavaliação dos processos desta pesquisa e as inferências construídas apontam que o objetivo da pesquisa foi alcançado. E como se trata de estudos são preliminares, há necessidade de aprofundamento dos resultados por meio de outras pesquisas futuras.

O uso de softwares de identificação de similaridade textual é importante na construção de textos científicos e/ou acadêmicos, eles promovem, até certo ponto, a originalidade e a integridade acadêmica, pois comparam o conteúdo do texto com uma vasta base de dados, identificando trechos que possam ser considerados plágio ou que necessitem de citação adequada.

Atentar para AI em vista à subjetividade, como para o kitsch em relação à objetividade, são estratégias para atenuação do uso dos softwares de similaridade textual no contexto científico, com vistas ao refinamento por estudos mais profundos. A cultura da IA e cultura do kitsch aponta ruídos que devem ser considerados na adequação, coerente, usos e melhorias dos softwares. Pois, problematizar os softwares de identificação de similaridade textual não significa destituir sua função epistêmica na construção do conhecimento científico.

Na formulação de uma nova hipótese proposta neste estudo, quanto à contribuição da cultura IA e cultura do kitsch na constituição dos softwares generativos, softwares detectores, softwares humanizadores, em que a consciência oscila, e, especialmente, quanto à consciência ainda é nula, essas duas culturas podem promover melhorias no âmbito da modelagem senciente destes mesmos softwares.

Assim, é pertinente inserir essas duas culturas nos programas de investigação que as distinguem como entidades na modelagem senciente, investigando a subjetividade como construtos e simulação pela AI, e a objetividade kitsch que deve ser vista como um fenômeno técnico quantitativamente e representada como simulação por softwares, inclusive, os softwares de identificação de similaridade textual.

## REFERÊNCIAS

ALMADA, L. F. Mapas corporais da ação, cognição e emoção: A consciência do espaço do corpo e a consciência do corpo no espaço. In: ALVES, M.A. **Cognição, emoções e ação**. São Paulo: Cultura Acadêmica; UNICAMP; Centro de Logica, Epistemologia e História da Ciência, 2019. Disponível em: <https://books.scielo.org/id/hcrqt/pdf/alves-9788572490191-16.pdf>. Acesso em: 5 fev. 2024.

SILVA, D. B.; ATAÍDE JÚNIOR, V. P. Consciência e Senciência Como Fundamentos do Direito Animal. **Revista Brasileira de Direito e Justiça**, Ponta Grossa , v. 4, jan./dez, 2020. Disponível em: <https://institutopiracema.com.br/wp-content/uploads/2021/10/RBDJ-UEPG-Consciencia-e-senciencia-come-fundamentos-do-DAnimal.pdf>. Acesso em: 20 jun. 2022.

BAUDRILLARD, J. **O sistema dos Objetos**. São Paulo: Perspectiva, 2008.

BENJAMIN, W. **Origine du drame baroque allemande**. Paris: Ed. Grasset, 1986  
BORNHANN, L.; MUTZ, R.; NEUHAUS, C.; HANS-DIETER, D. Citation counts for research evaluation: standards of good practice for analyzing bibliometric data and presenting and interpreting results. **Ethics in Science and Environmental Politics**, Oldendorf, v. 8, no. 1, p.

93-102, 2008.

COSENTINO, L. A. M. Aspectos Evolutivos da Mediação Homem Máquina: tecnologia, computador e evolução humana In: PRADO, O. Z.; FORTIM, I.; CONSENTINO, L. (Orgs.). Conselho Regional de Psicologia de São Paulo. **Psicologia & informática: produções do III Psicoinfo e II Jornada do NPPI**. São Paulo: Conselho Regional de Psicologia de São Paulo: CRP/SP, 2006. Disponível em: [http://newpsi.bvpspsi.org.br/ebooks2010/en/Acervo\\_files/PsiInfo.pdf](http://newpsi.bvpspsi.org.br/ebooks2010/en/Acervo_files/PsiInfo.pdf) . Acesso em: 13 maio 2016.

CUPANI, A. A tecnologia como problema filosófico: três enfoques. **Scientiæ Zudia**, São Paulo, v. 2, n. 4, p. 493-518, 2004. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ss/v2n4/a02v2n4.pdf>. Acesso em: 20 fev. 2020.

DALTE, P.; DALTE, L. Para uma avaliação do chatgpt como ferramenta auxiliar de escrita de textos acadêmicos. **Revista Bibliomar**, São Luís, v. 22, n. 1, p. 122-138, jan./jun. 2023. Disponível em: <https://brapci.inf.br/#/v/225582>. Acesso em: 20 jun. 2024.

DAMASIO, E. Crosscheck: identificação de plágio por similaridade. In: Encontro brasileiro de bibliometria e cientometria, 2012. In: Encontro brasileiro de bibliometria e cientometria , 3, 2012, Gramado. **Anais [...]**Gramado: UFRGS, 2012. Disponível em: <https://cip.brapci.inf.br//download/46721>. Acesso em: 07 jul. 2024.

FRAINER, J. **Metodologia científica**. Indaial: Uniasselvi, 2020.

GIL, A.C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2007.

GREENBERG, C. Vanguarda e kitsch. In: FERREIRA, G.; MELLO, C. C. **Clement Greenberg e o debate crítico**. Rio de Janeiro: Funarte Jorge Zahar, 1997.

FERREIRA, A. B. de H. **Miniaurélio século XXI escolar: o miniaurélio da língua português**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

KAESER, E. Science kitsch and pop science: **Public Understanding of Science**, v. 22, jun. 2013. Disponível em: <https://journals.sagepub.com/doi/abs/10.1177/0963662513489390?journalCode=pusa>. Acesso em: 19 jun. 2023.

KUNDERA, M. A Arte do Romance. Tradução de Teresa Bulhões Carvalho. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 2016.

KROKOSZ, M. Eficiência de softwares nacionais e internacionais na detecção de similaridade e de plágio em manuscrito. **Em Questão**, Porto Alegre, v. 28, n. 4, p. 123123, 2022. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/EmQuestao/article/view/123123>. Acesso em: 6 jul. 2024.

LEAKEY, R. E.; LEWIN, R. **Origens**. 4. ed. São Paulo: Melhoramentos, 1982.

MALHOTRA, N. K. **Pesquisa de Marketing**. Porto Alegre: Bookman, 2006.

MOLES, A. **O kitsch**. São Paulo: Perspectiva, 1975.

O que é IA generativa? **IBM**. Disponível em: <https://www.ibm.com/br-pt/topics/strong-ai>. Acesso em: 9 jul. 2024.

SANTANA, S. R.; MELO, M. L. D.; SOUZA, E. D. A sombra kitsch na Ciência da Informação: concepções sobre a interdisciplinaridade identitária e epistêmica, 2021. *In*: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 21, 2021, Rio de Janeiro. **Anais [...]** Rio de Janeiro: UFRJ, 2021. Disponível em: <https://enancib.ancib.org/index.php/enancib/xxienancib/paper/view/503/155>. Acesso em: 07 jul. 2023.

SASAKI, P. **Modelagem Senciente**: Um estudo sobre Inteligência Artificial. São Paulo: [s.n.], 2007. Disponível em: [https://www.academia.edu/7363778/Modelagem\\_Senciente\\_-\\_Um\\_estudo\\_sobre\\_Intelig%C3%Aancia\\_Artificial](https://www.academia.edu/7363778/Modelagem_Senciente_-_Um_estudo_sobre_Intelig%C3%Aancia_Artificial). Acesso em: 15 abr. 2019.

SÊGA, C. M. P. O Kitsch Está Cult. *In*: ENCONTRO DE ESTUDOS MULTIDISCIPLINARES EM CULTURA, 4, 2008, Salvador. **Anais [...]** Salvador: UFBA, 2008. Disponível em: <http://www.cult.ufba.br/enecult2008/14159.pdf>. Acesso em: 19 jun. 2023.

STRYKER, C., SCAPICCHIO, M. O que é IA generativa? **IBM**, 22 de março de 2024. Disponível em: <https://www.ibm.com/br-pt/topics/generative-ai>. Acesso em: 9 jul. 2024.

TOHIDI, H.; JABBARI, M. M. Different Stages of Innovation Process. *Procedia Technology*, v.1, p. 574-578, 2012.

WAJNMAN, S. “Forma” Kitsch e teoria pós-moderna. *In*: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 19., 1996, Londrina. **Anais [...]**, Londrina, 1996. Disponível em: <http://www.portcom.intercom.org.br/pdfs/14ebf240799aaebd92e6c316903e56b6.pdf>. Acesso em: 19 jun. 2023.